
O lugar das mulheres na narrativa jornalística de cobertura de desastres¹

Alice Bianchini PAVANELLO²

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar a presença das mulheres em narrativas jornalísticas de desastres. Um desastre tem sua dimensão de acordo com o impacto e a vulnerabilidade do sistema no qual incide. Sendo a mídia um importante elemento para a configuração de sentidos de um desastre, na narrativa, os jornalistas acionam pautas e fontes de acordo com a gramática cultural na qual estão inseridos, podendo destacar ou invisibilizar sujeitos e situações. O poder hermenêutico dos acontecimentos foi acionado como operador analítico de reportagens de um temporal no Rio de Janeiro. Concluímos que os assuntos associados às mulheres não viram pauta e que, enquanto fontes, as mulheres são acionadas como testemunhas, sem terem o potencial de denúncia repercutido pela cobertura.

Palavras-chave: acontecimento; narrativa jornalística; cobertura de desastres; fontes jornalísticas; mulheres

Considerações iniciais

A desigualdade entre mulheres e homens atravessa a sociedade e se manifesta em diferentes segmentos. Mesmo que se tenha conquistado avanços significativos nos direitos das mulheres nos últimos anos, são os valores compartilhados socialmente, em uma instância pré-reflexiva que influenciam em ações e julgamentos que acabam por relativizar a existência feminina. A mídia é uma das forças invisíveis que colaboram para a manutenção dessas estruturas, quando representa a mulher como “repositária das virtudes afetivas e emocionais por oposição às virtudes intelectuais e racionais do homem”. (MATTOS, 2006, p. 156). Mesmo em ambientes em que as mulheres são

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (Poscom-UFSM). E-mail: alicebpavanello@gmail.com

maioria, elas têm as vozes silenciadas e têm seus trabalhos e esforços não devidamente amplificados nas notícias (KASSOVA, 2020).³

Vive-se em uma organização social em que a distribuição de poderes se dá em função de diferenças tidas como naturais e associadas a traços físicos e de temperamento, que relega às mulheres o espaço doméstico e familiar, enquanto aos homens cabem os espaços públicos e de prestígio (PISCITELLI, 2009). A construção de narrativas que contribuem para reforçar esses estereótipos colabora com estratégias que podem, de forma consciente ou inconsciente, intervir no curso dos acontecimentos e influenciar na forma de percepção do mundo, uma vez que a produção, transmissão e construção de significados de conteúdos simbólicos é uma forma de poder. (TEMER, SANTOS, 2016).

Desigual também é a forma como os desastres afetam os indivíduos na sociedade. Embora haja uma paridade no número de atingidos entre homens e mulheres, a forma como os grupos são afetados não é. São as mulheres, crianças e idosos que sofrem mais intensamente as consequências dos desastres, tendo em vista o maior grau de vulnerabilidade no qual se encontram (NEUMAYER, PLÜMPER, 2007; ENARSON, MORROW, 2000; MAYER et al, 2008; SIENA, VALENCIO, 2009). Um desastre se caracteriza por um impacto seja ambiental ou tecnológico que interrompe o funcionamento de uma comunidade e causa perdas humanas, materiais, econômicas e ambientais (UNISDR, 2015), porém o que confere a dimensão de uma tragédia é a vulnerabilidade do sistema no qual o desastre incide (VALENCIO, 2012).

Um acontecimento catastrófico, quando narrado, se constitui em uma experiência vivenciada a partir de crenças e visões sociais de mundo, sendo a mídia importante elemento desse processo de configuração de sentidos (AMARAL, 2013). Ao configurar a narrativa midiática, os jornalistas acionam sujeitos e escolhem enquadramentos de acordo com a gramática cultural na qual são constituídos. Ao se acionar o poder hermenêutico dos acontecimentos como operador analítico (FRANÇA, LOPES, 2017) dos sentidos sociais que são produzidos e circulam a partir das coberturas jornalísticas, pode-se abrir um caminho para compreender a sociedade na qual vivemos.

³ Disponível em: <<https://ijnet.org/pt-br/story/o-silenciamento-de-vozes-de-mulheres-na-cobertura-clim%C3%A1tica>>. Acesso em 29 jun. 2022.

Sendo as narrativas jornalísticas construídas seguindo padrões narrativos, que, por sua vez, são enquadrados em referências culturais pré-estabelecidas em um sistema simbólico operado pelo jornalismo (BIRD, DARDENNE, 1999), as narrativas podem contribuir para a invisibilidade de sujeitos e situações. Embora os desastres afetem as comunidades muito além dos impactos físicos e momentâneos, se estendendo para o social e perdurando para além dos meses, na maioria das vezes, são apenas esses os únicos aspectos apresentados nas coberturas jornalísticas (VALENCIO, VALENCIO, 2017). Enquanto uma série de valores sociais e culturais fazem com que as questões e práticas que compõem o universo feminino sejam menosprezadas, inviabilizando um olhar e um conjunto de ações para atender às demandas específicas das mulheres, esvaziando de sentido suas reivindicações. (SIENA, VALENCIO, 2009). Toma-se aqui como universo feminino aqueles assuntos que são histórica e culturalmente vistos como relacionados à mulher, como o ambiente doméstico, os trabalhos que operam pela lógica da troca e os vínculos afetivos, além da condição de gênero.

Ainda que os desastres, a gestão e a narrativa dos mesmos, sejam atravessados por questões de gênero, raça e classe, neste momento, pretende-se direcionar o olhar para a intersecção entre jornalismo e mulheres para buscar compreender de que forma a estrutura social, baseada em uma hierarquia de valores, na qual os aspectos vinculados ao masculino são mais valorizados que os vinculados ao feminino, pode influenciar na cobertura jornalística de desastres.

Dito isso, este artigo propõe-se a fazer uma reflexão sobre como as mulheres e os assuntos ligados ao universo feminino são configurados nas narrativas jornalísticas de desastres e quais sentidos fazem emergir. O objetivo é perceber quais os assuntos que viram pauta e ganham destaque na cobertura e como as mulheres são acionadas enquanto fontes na narrativa jornalística. Para tal exercício, foram analisadas matérias publicadas no Portal UOL, durante a cobertura de um temporal no Rio de Janeiro, em abril de 2019, que causou deslizamentos, alagamentos e dez mortes. O caso é simbólico, pois retrata uma situação que afeta moradores de diversas cidades brasileiras todos os anos. Metodologicamente aplica-se a perspectiva hermenêutica do acontecimento como operador analítico, olhando empiricamente para as narrativas noticiosas publicadas no site, para buscar “identificar o que foi evocado ou perturbado pelo acontecimento” (FRANCA, LOPES, 2017, p.77) e ampliar a compreensão dos

sentidos que se movimentam a partir do acontecimento, bem como a compreensão a respeito da sociedade na qual ele se manifesta.

Acontecimento do tipo desastre e a cobertura jornalística

O acontecimento interrompe uma rotina, causa uma quebra, uma ruptura. O acontecimento acontece a alguém e sua dimensão está conectada com o grau de afetação provocado (QUÈRÉ, 2005). Ainda que seja uma experiência vivida individualmente, ela está submetida às relações sociais, pelos valores do coletivo que ajudam a dar inteligibilidade e sentido às ações (FRANÇA, 2012). Quando narrado, o acontecimento ganha sua segunda vida.

O poder hermenêutico do acontecimento (QUÈRÉ, 2005) pode ser utilizado como operador analítico para investigar os sentidos sociais que são produzidos e que circulam a partir de determinados eventos (FRANÇA, 2017), que podem ser observados quando se cristalizam em conversas, reportagens, relatórios, estudos científicos, que revelam os sentidos evidenciados a partir do acontecimento, quais desdobramento e os horizontes que descortina e para onde ele aponta (FRANCA, LOPES, 2017).

Os desastres são um tipo de acontecimento que rompe a normalidade da vida cotidiana e afetam todos aqueles que, de alguma forma, vivenciam a experiência. A dimensão das catástrofes está relacionada com as consequências do acontecimento e a afetação das pessoas envolvidas, o que tem ligação direta com a vulnerabilidade dos sistemas nos quais incidem. Um acontecimento catastrófico interconecta os dois conceitos e se constitui em uma experiência vivenciada a partir de crenças e visões sociais de mundo, sendo a mídia importante elemento desse processo de configuração de sentidos (AMARAL, 2013).

Nas coberturas jornalísticas dos acontecimentos de desastres,

a narrativa sobre um desastre não somente é prestadora de informações que podem salvar vidas, preservar ambientes e incentivar mitigações, mas também engendrar metanarrativas ou significações mais profundas e pré-figuradas que nos dizem o que é um desastre, quais são suas causas, que vulnerabilidades o geraram, como devemos nos relacionar com nossos entornos e como devem agir os afetados e os diferentes campos sociais implicados. (AMARAL, ASCENCIO, CRISTOBAL, p.128, 2020).

Dentre os aspectos que diferenciam a cobertura jornalística de desastre das demais, pode-se apontar as condições da prática jornalística para a apuração dos fatos

em situações limite, uma vez que nas primeiras horas do eclodir do desastre, o jornalismo se atém a expor as consequências em detrimento das causas (AMARAL, 2019). Outra característica é a centralidade que as fontes ocupam para contribuir com a organização do acontecimento. A urgência da cobertura faz buscar referências estruturais em concepções naturalizadas sobre a relação da humanidade com o meio ambiente, com as vulnerabilidades sociais e também das relações de gênero, fazendo com que sejam evocadas na configuração do texto jornalístico.

A narrativa jornalística traça os contornos normativos da sociedade, enquadra a sociedade em referências culturais pré-estabelecidas, delinea as fronteiras do certo e do errado, alerta para as punições e assim, além de informar, também ensina e orienta (BIRD, DARDENNE, 1999). As notícias evidenciam e definem quem são os heróis e os bandidos, quais são os fatos e os personagens que merecem visibilidade e quais vão permanecer invisíveis.

A configuração narrativa se dá em um processo dinâmico, que incide em um mundo pré-figurado, compartilhado por emissor e receptor que, ao mesmo tempo, dialoga e rompe com esse mundo. Dialoga, pois nele está inserido e funciona como agente de memória e esquecimento e rompe no momento em que produz um mundo próprio peculiar e distinto do qual veio. “Em outras palavras, todo narrar é um ato configurante, de produção e de realidade, de agenciamento peculiar de fatos, agentes, modos, atributos, etc.” (LEAL, 2013, p. 37). A refiguração acontece quando o mundo do texto encontra o mundo social pela ação do receptor, que, por sua vez, deve reconhecer e atribuir sentido às relações configuradas da narrativa. A narratividade do texto jornalístico é mais do que um conjunto de procedimentos técnicos de escrita e não se limita à análise das textualidades, “mas as considera inseridas em uma historicidade, dotadas de vinculações sociais e como resultado de modos de produção institucionalizados.” (QUADROS, NASI, MOTTA, 2017, p. 36)

Mulheres e desastres

A vulnerabilidade é um elemento socialmente construído e incorporado no cotidiano. Neumayer e Plümper (2007), em pesquisa realizada em 141 países, apontaram que os desastres afetam principalmente mulheres e meninas, em especial

aquelas com poucos recursos econômicos. Após o Furacão Andrew, na Flórida (EUA), em 1992, os meios de comunicação, se concentravam em mostrar “mães chorosas e exaustas lutando para conseguir um balde de água potável para os filhos, ou ficando passivamente em uma fila para obter ajuda” (ENARSON, MORROW, 2000, p.7), imagens que, embora possam ser exploradas para buscar ajuda humanitária, reforçam as noções de subordinação das mulheres e diminuem o valor das habilidades instrumentais e o trabalho pró-ativo feminino. No pós Furacão Katrina, em New Orleans (EUA), em 2005, as perdas fora do eixo vítimas-resgatados pouco foram enfocadas por governos e meios de comunicação. Como perdas invisíveis, Mayer et al (2008) citam a criação de redes de mulheres para liderarem ações de reconstrução das áreas afetadas.

A estruturação das sociedades ocidentais se baseia em oposição de valores entre masculino e feminino, colocando em posições contrárias mulheres e homens em suas capacidades e ações, julgando como triviais os temas morais da esfera doméstica associados ao cuidado e à comunidade, definindo as mulheres como moralmente imaturas e sem capacidade para discutir assuntos públicos (MONTIEL, 2013).

Nos casos de desastres, as mulheres identificam e expressam as dimensões objetivas e subjetivas dos danos materiais e imateriais resultantes da perda da moradia e da possível desestruturação familiar. Historicamente é a mulher quem produz e mantém o núcleo familiar e assim toma para si a responsabilidade de manter os valores e crenças, além da moradia, tida como território de sociabilidade deste grupo (SIENA, VALENCIO, 2009). Sarti (1994) afirma que, dentro de casa, se constituem os papéis centrais da organização familiar, o do homem pai de família e o da mulher dona de casa. Em uma relação de autoridade que se dá de forma complementar, mas hierárquica. No ambiente doméstico, a autoridade feminina também se vincula à valorização da mulher enquanto mãe.

A função das mulheres na estrutura familiar também condiz com as ações tomadas por elas no pós-desastres, quando “as mulheres se dedicam, mais que os homens, à reconstrução e à assistência, como que extravasando para o espaço público seu fazer privado sem, no entanto, ameaçar as estruturas de poder.” (SIENA, VALENCIO, 2009, p.3)

Algumas atividades desempenhadas pelas mulheres são consideradas “trabalho de mulher”, por serem vistas como extensões de características naturais das mulheres (MAYER, 2014). A autora aponta três características utilizadas para definir a “feminização do trabalho”: quando a atividade está associada aos afazeres domésticos e cuidado com os filhos; trabalhos que enfatizam as performances associadas a servir e cuidar do outro e aquelas funções que, embora exijam habilidade técnica para serem desempenhadas, são vistas como uma capacidade diretamente ligada ao gênero, por exemplo, aquelas que envolvem a necessidade de comunicação e interação social. Esse tipo de associação faz com que a sociedade espere que as mulheres não sejam remuneradas, nem reconhecidas por desempenhar tais funções.

Valencio e Valencio (2017) apontam que as narrativas presentes nas mídias hegemônicas privilegiam as dimensões dos agentes físicos desencadeadores, como tempestades, enchentes, deslizamentos e as soluções técnicas baseadas nas ciências duras, como monitoramento do clima, implantação de sistemas de alertas recorrendo a um reducionismo interpretativo a respeito do desastre em foco. A cobertura jornalística, em geral, pouco enfoca os processos sociais que culminaram em tais desastres e os veículos se “mantêm focados na imprevisibilidade das forças da natureza ou em dramas individuais interpretados de um modo estereotipado. É como se o processo social implicado inexistisse.” (VALENCIO, VALENCIO, 2017, p.168). Os autores destacam também que a atenção e o espaço para diferentes vozes são maiores quando os desastres afetam grupos sociais de extratos econômicos superiores, que quando acontecem em sistemas sociais já marginalizados.

As mulheres na narrativa jornalística de desastres

Todos os anos, no Brasil, são registrados eventos extremos que resultam em desastres. Os mais comuns associados a fenômenos hídricos, mas não sendo exclusivos, tendo o registro recente de desastres ligados ao rompimento de barragens de rejeitos de mineração e vazamento de óleo no mar (AMARAL, ASCENCIO, CRISTOBAL, 2020). Como consequência se tem constantes casos de mortes, desaparecimentos, inundações, deslizamentos, desmoronamentos, além de danos ambientais em diversas cidades do país, em maior ou menor grau.

No Rio de Janeiro, entre a noite de 8 e o dia 14 de abril de 2019, no período chuvoso anual, fortes temporais aliados a fatores antrópicos, resultaram na morte de dez pessoas, inúmeras desabrigadas e estragos pela cidade⁴. O objetivo deste artigo é identificar, a partir do acontecimento citado, quais os assuntos se tornaram pauta na cobertura jornalística e como as mulheres foram acionadas como fontes nas narrativas. Como objeto empírico, este artigo analisa 28 matérias da cobertura realizada pelo Portal UOL (Universo Online)⁵, entre os dias 9 e 11 de abril⁶. Para a investigação, foi desenvolvido um protocolo em que cada notícia foi analisada de acordo com: os assuntos abordados e os tipos de impactos mencionados e as fontes citadas.

Quanto aos assuntos que viraram pauta, as notícias foram categorizadas em dois grupos, de acordo com o referencial teórico mobilizado para este artigo, aquelas que enfatizam aspectos de infraestrutura da cidade como ruas e avenidas alagadas, desmoronamentos e inundações e aquelas que se referem aos temas ligados ao ambiente doméstico, relações de cuidado com a família e o ajudar aos demais. Observou-se que, das 28 notícias coletadas, 16 focam em aspectos de infraestrutura da cidade, nove abordam aspectos ligados ao ambiente doméstico e relações sociais e ainda foram identificadas três que têm a chuva como gancho, mas direcionam a narrativa para outro tema. Destaca-se que, embora algumas reportagens cite mais de um aspecto, a categorização foi feita de acordo com os assuntos enfatizados pela notícia.

Os assuntos que viram pauta para a maioria das notícias são aqueles ligados às causas e consequências físicas dos desastres. Dezesesseis das 28 matérias focam nos problemas e os transtornos causados para os cidadãos comuns, invisibilizando os processos sociais que culminaram no desastre. No dia 9 de abril a notícia “*Ciclovía cai, hospital alaga, carros arrastados: os estragos da chuva no RJ*”, busca dar a dimensão do acontecimento, ao mesmo tempo que desconsidera os prejuízos para as famílias que devem ter sido diretamente afetadas pelos alagamentos e desmoronamentos.

⁴ O mesmo conjunto de matérias foi analisado por Amaral, Ascencio e Cristobal e resultou no artigo publicado em 2020, utilizado como referência neste trabalho, do qual Amaral é orientadora.

⁵ O Portal UOL (Universo Online) foi escolhido por ser um dos meios de grande volume de publicação de notícias nacionais. O UOL pertence ao Grupo Folha, surgiu em 1996 e foi pioneiro em portais de conteúdo no país, com cerca de 114 milhões de visitantes por mês de acordo com os dados disponíveis em: <<https://sobreuol.noticias.uol.com.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2022.

⁶ No dia 12 de abril, dois prédios desabaram no Rio de Janeiro, matando 25 pessoas, o que desviou o foco da cobertura da chuva, devido ao fato de que as construções eram clandestinas.

Entre as nove reportagens que foram categorizadas como abordando assuntos ligados ao ambiente doméstico, relações de cuidado com a família e o ajudar aos demais destaca-se a publicada dia 10, “*Restaurante no Jardim Botânico expulsa mãe e bebe de três meses durante temporal*”. A matéria evidencia elementos ligados ao universo feminino como cuidado com os filhos, preocupação com a integridade física e psicológica e a solidariedade entre mães. A narrativa revela aspectos de fragilidade diante da situação e dependência do apoio familiar, como nos trechos “Ainda sem bateria no celular, pediu que o marido ligasse no telefone fixo do restaurante e chorou, sem saber o que fazer ou para onde ir”, “A saga só acabou às 3h, quando o marido da psicóloga conseguiu buscar as duas para voltar para casa.”. Na citação, Flávia fala sobre a falta de amparo sofrido pelas mães “(...) não só em dias de temporal, mas no dia a dia, porque a gente se sente invisível.”. A frase, ao mesmo tempo em que descortina um campo problemático envolvendo as mulheres, reforça a essencialização da mulher como vulnerável e da figura materna como a responsável principal pelos filhos.

A reportagem enfatiza um drama pessoal que se passa na zona sul do Rio de Janeiro, região nobre da cidade, embora as notícias tragam indícios de que as chuvas podem ter impactado de forma bem mais severa mães e filhos moradores de regiões mais pobres, como na notícia do dia 9, “*Sirenes não tocaram em local onde duas pessoas morreram no Rio*” em que a dimensão do problema é narrada por meio da fala do prefeito “Crivella reforçou que quinze comunidades continuavam em estágio de alerta na manhã de hoje.”.

A situação das famílias atingidas é ligeiramente citada na fala de um repórter, que virou pauta pelo trabalho intenso na cobertura do desastre. A matéria do UOL, no dia 10, intitulada “*Cobertura marcante*”, diz repórter da Globo após horas debaixo de chuva” destaca a publicação do jornalista em uma rede social em que ele escreveu ““Dias como o de ontem e o de hoje são muito tristes. Dez pessoas perderam as vidas com as chuvas no Rio. Outras dezenas perderam tudo o que tinham: móveis, eletrodomésticos, objetos pessoais, roupas. (...), escreveu ele ontem no Instagram.””.

Nenhuma matéria, ao longo dos três dias de cobertura, complexifica a narrativa sobre as causas e as consequências do temporal. Nem mesmo no terceiro dia, que pode-se considerar como tendo passado o auge da cobertura factual, uma vez que o temporal cessou, a situação das famílias atingidas foi abordada com profundidade.

A narrativa também escolhe os heróis a serem admirados, um deles é Varlei. Na notícia do dia 11, “*“Aqui para ajudar”*: quem é o homem que ajudou idosa a atravessar enchente” o assunto virou notícia depois que vídeos com o momento em que ele ajuda uma senhora a atravessar a rua sem se molhar circularam na internet. A manchete faz parecer que a ajuda se tratou de um caso isolado a uma mulher de idade, aquela que, mas no corpo da notícia, o próprio Capoeira destaca que ajuda a todos "Foram várias senhoras que eu ajudei. Todas as senhoras de idade e que não sejam de idade que estavam passando, eu tive cuidado para não cair na água. Até senhores."

A notícia segue, destacando que, apesar de ajudar as pessoas, ele também precisa de ajuda. A narrativa conta brevemente a história dele, que mora com o filho de favor na casa da irmã. "Quando eu brigo com a minha irmã, quem tem que sair sou eu, que ela toma conta do meu filho. Durmo na pista, na praça, nos carros, durmo pelos cantos", diz Capoeira na reportagem. Embora se busque dar visibilidade ao fato de que ele é um pai responsável pelo filho, a fala do homem revela que ele não desempenha essa função sozinho, pois conta com a ajuda da irmã, o que possibilita que ele mantenha a própria independência no modo de agir e viver.

No mesmo dia, outro herói é configurado pela cobertura. Na notícia “*Vaquinha para homem que ajudou idosa após chuvas no RJ mais que dobra meta*” a notícia destaca que um outro homem agora vai ajudar àquele que ajuda os outros. A matéria traz a iniciativa de Vicente, criador do site Razões para Acreditar e destaca o que motivou a ação “Quando ficou sabendo que o homem morava de favor com o filho Darlei Espírito Santo, 10, criou ontem um financiamento coletivo para que Capoeira consiga construir uma casa.”. A mesma notícia fala que os dois moram com a irmã de Capoeira “com os seis filhos dela em um barraco”. Entretanto, apesar de ela ter seis filhos e morar em uma habitação inapropriada, não se fala em ajudar a mulher que, muitas vezes, também é responsável por cuidar do filho de Capoeira. Assim a narrativa direciona a compreensão para as atitudes que são admiráveis e aquelas que são triviais, quem são as pessoas que merecem ou não reconhecimento por suas atitudes.

Acerca do acionamento das fontes, nas 28 reportagens foram citadas 46 pessoas como fontes de informação, sendo em 16 casos mulheres e em 30 casos homens. Cabe destacar que, o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella foi fonte 11 vezes e o governador do Estado do Rio de Janeiro, Wilson Witzel, foi repetido como fonte duas

vezes. Desta forma, foram 19 homens citados como fontes. Outras fontes são citadas nas reportagens, como órgãos ligados à prefeitura, bombeiros e institutos de meteorologia, mas nos interessa aqui analisar as pessoas que são identificadas nominalmente possibilitando a identificação como mulheres ou homens.

Apenas uma mulher é citada como fonte autorizada, aquelas oficiais que representam instituições de poder, que em geral são consultadas pelos jornalistas por terem mais credibilidade presumida nas coberturas de desastres (AMARAL, 2015). A defensora pública Maria Júlia Miranda, que ocupa o cargo de Coordenadora do Núcleo de Terras e Habitações é citada na reportagem “*Justiça dá 72 horas para Prefeitura do Rio informar ações após temporal*”, do dia 10 de abril e que apenas é acionada com efeito declaratório.

Nenhuma mulher é acionada como expert, aquelas fontes com conhecimento especializado, em geral, acionadas para construir um conhecimento pelo fato, opinar de maneira crítica e até questionar as fontes oficiais (AMARAL, 2015). Vale destacar, entretanto, que em apenas uma reportagem uma fonte expert é citada, um meteorologista, o que reflete a falta de aprofundamento na cobertura.

A maioria das mulheres, portanto, é acionada enquanto afetada, vítima ou testemunha. Nessas configurações, as mulheres aparecem em cinco notícias, totalizando 15 fontes citadas. As fontes testemunhais são fundamentais na cobertura de desastres, pois conferem veracidade à narrativa, aponta AMARAL (2015), que também destaca que, em geral, as falas das testemunhas são da ordem da emoção do desespero, do sofrimento e da busca de solução individual (AMARAL, 2019). Características semelhantes àquelas atreladas às mulheres como uma condição do gênero e essencializadas na figura das mulheres como sendo seres guiados pelo coração, pelas emoções e pelos sentimentos (MATTOS, 2006).

Na reportagem, “*RJ: filha de morta em temporal diz que tragédia “poderia ter sido evitada”*”, do dia 9 de abril, a filha, Ingrid, é acionada como fonte para fala da morte da mãe e da tia. Ingrid além de relatar como a morte teria acontecido também reivindica justiça. “Tem pessoas que estão sem casa, sem poder voltar para casa, tem crianças que foram soterradas e eu queria que houvesse justiça para essas famílias”. A narrativa configura a fala de Ingrid como fonte testemunhal, mas que assume um papel de crítica, revelando-se portadora de um potencial político para denunciar problemas

sociais que afligem as famílias moradoras de determinadas regiões, porém o assunto não é levado adiante pela cobertura que não problematiza os fatos citados por ela.

As mulheres são acionadas como fontes testemunhais na reportagem “*Ciclovias cai, hospital alaga, carros arrastados: os estragos da chuva no RJ*” do dia 9 de abril. Para dar a dimensão do impacto do temporal, são utilizadas publicações feitas na rede social Twitter. São oito postagens feitas por pessoas de diferentes partes da cidade. Dessas, sete são mulheres que denunciam alagamentos e inundações. O teor das publicações tem a função de descrever os problemas na cidade, mas também de conferir o aspecto de indignação com trechos como “Revoltante” e também de evocar as responsabilidades “Esses estragos têm culpados que devem ser responsabilizados e o principal deles foi vergonhosamente eleito. #ForaCrivella #ChuvaRJ”. Mais uma vez, a fala das mulheres assume um tom de denúncia e a reportagem parece ignorar as reivindicações, uma vez que não busca respostas dos governantes, se eximindo da responsabilidade de falar em nome da sociedade e de repercutir em profundidade os aspectos levantados nas redes sociais.

Dessa forma, percebe-se que as mulheres foram acionadas em menor número na narrativa jornalística da cobertura das chuvas de abril de 2019, no Rio de Janeiro e quando o foram, configuradas majoritariamente como fontes testemunhais que embora tenham importância na cobertura de desastres são acionadas pelo viés da emoção do desabafo e não de efetiva mobilização.

Considerações finais

Ao mesmo tempo em que a cobertura dos efeitos do temporal em abril de 2019, no Rio de Janeiro, denomine o acontecimento como “tragédia”, “caos”, “situação de emergência”, a mesma cobertura, em alguns momentos, o configura como um caso considerado rotineiro, publicando duas notícias nas editorias “Cotidiano” e “Empregos e Carreira”. Por se tratar de uma cobertura corriqueira, e muito provavelmente justamente por isso, os jornalistas colocam em prática o conhecimento já apreendido de como fazer uma cobertura de desastres, acionando protocolos, fontes e buscando os assuntos com os quais estão acostumados, com o objetivo de viabilizar a cobertura de eventos extremos. Por esse mesmo motivo, a configuração da narrativa evoca sentidos

naturalizados na sociedade tanto sobre os desastres quanto sobre as relações sociais, contribuindo para reforçar os mesmos.

Ao se acionar o poder hermenêutico do acontecimento foi possível perceber que a cobertura reforça a noção de normalidade do acontecimento, dando destaque para eventos episódicos que chamam mais a atenção pela singularidade e não pela relação direta com o desastre. Os assuntos que viraram pauta estão relacionados, em sua maioria, com as dimensões físicas do temporal e as consequências para os moradores de bairros nobres, focando em transtornos momentâneos como a interrupção de vias e pontos de alagamento. E, ainda que esses eventos se tratem de fatos que se repetem a cada chuva, como a própria narrativa deixa claro, a cobertura jornalística não se preocupa em aprofundar o debate ou a cobrança de autoridades.

As notícias que abordam as consequências às famílias moradoras de regiões pobres são poucas. Nenhuma delas se aprofunda nas perdas materiais e simbólicas resultantes das chuvas e dos desabamentos e os abrigos nem sequer são mencionados, assuntos que podem ser associados com o universo de domínio feminino. Além disso, as notícias que destacam individualmente personagens da narrativa, ou são homens que tiveram atos configurados como dignos de atenção.

Enquanto fontes, as mulheres são acionadas principalmente como testemunhas, afetadas ou vítimas tendo a voz configurada na narrativa para reivindicar direitos como amparo para as mães, justiça para as famílias, ou apontando a falta de responsabilidade dos governantes, mas sem serem dignas de serem levadas adiante na cobertura.

O fato de nenhuma mulher ser acionada como fonte autorizada pode levar a justificativa de que se tem uma predominância de homens ocupando cargos públicos. Sendo uma questão que perpassa diferentes instâncias sociais, como pesquisadoras do Jornalismo, cabe a nós refletir sobre como a narrativa jornalística contribui para reforçar padrões e estereótipos, uma vez que essa opera em um mundo pré-figurado e compartilhado por todos.

Por fim, destacamos que a análise interseccional de gênero, raça e classe é importante para a compreensão sobre a cobertura de desastres de uma forma mais ampla, mas que a perspectiva de gênero é especialmente relevante para que se possa romper a invisibilidade que mulheres e os assuntos relacionados a elas têm nas

coberturas de desastres, contribuindo para a valorização e o respeito das mulheres na sociedade.

Referências bibliográficas

AMARAL, M. F. Fontes testemunhais , autorizadas e experts na construção jornalística das catástrofes. **Líbero**, v. 18, n. 36, p. 43–54, 2015.

AMARAL, M. F.; ASCENCIO, C.L; CRISTOBAL, E. P. Indicadores para análise das narrativas jornalísticas sobre desastres: em busca de invisibilidades e saliências. **Chasqui. Revista Latinoamericana de Comunicación**, n. 144, 2020.

AMARAL, M. Os testemunhos de catástrofes nas revistas brasileiras: do medo individual à patemização midiática. **Contracampo**, v. 26, 2013.

AMARAL, M. Periodismo: de los desastres a las vulnerabilidades y los riesgos. In: AMARAL, M., ASCENCIO, C.L. (coords.). **Periodismo y desastres: múltiples miradas**. EditorialUOC, Barcelona, 2019.

Aqui para ajudar: quem é o homem que ajudou idosa a atravessar enchente. UOL, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/BJKT0. Acesso em 7 jul. 2022.

BIRD, E. e DARDENNE, R. Mito, Registros e “estórias”. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, e “estórias”**. Lisboa: Vega, 2a ed., p.263-288, 1999.

Ciclovía cai, hospital alaga, carros arrastados: os estragos da chuva no RJ. UOL, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/ioyzD. Acesso em 7 jul. 2022.

Cobertura marcante, diz repórter da Globo após horas debaixo de chuva. UOL, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/dsC16. Acesso em 7 jul. 2022.

FRANÇA, V. e LOPES, S. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **Matrizes (ONLINE)**, v. 11, p. 71-87, 2017.

FRANCA, V. O acontecimento e a mídia. **Galáxia** (São Paulo. Online), v. 12, p. 1-12, 2012.

Justiça dá 72 horas para Prefeitura do Rio informar ações após temporal. UOL, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/buvzV. Acesso em 7 jul. 2022.

KASSOVA, L. The Missing Perspectives of Women in COVID-19 News. A special report on women’s under-representation in news media. 2020. Disponível em: <https://www.iwmf.org/women-in-covid19-news/>. Acesso em: 29 jun. 2022.

LEAL, B.. O jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto (orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, p. 25-48, 2013.

MATTOS, P. A mulher moderna numa sociedade desigual. In: SOUZA, J. (Ed.). **A invisibilidade da desigualdade brasileira**. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 153–196, 2006.

-
- MAYER, V. To communicate is human; to chat is female. In: CARTER, C. STEINER, Linda; MCLAUGHLIN, L. **The Routledge companion to media and gender**. Routledge, 2014.
- MAYER, VICKI; WILLINGER, BETH; JENKINS, PAMELA; TUCKER, S. Losing Ground but Finding the High Road: Teaching Women's Studies in Post- Katrina New Orleans. **Feminist Formations**, v. 20, n. 3, p. 185–192, 2008.
- MONTIEL, A. V. Ética Feminista E Comunicação. **Comunicação & Informação**, v. 14, n. 2, p. 3–18, 2013.
- NEUMAYER, E.; PLÜMPER, T. The gendered nature of natural disasters: The impact of catastrophic events on the gender gap in life Expectancy, 1981-2002. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 97, n. 3, p. 551–566, 2007.
- PISCITELLI, A. Gênero: a história de um conceito. In: ALMEIDA, H.; SZWAKO, J. (Org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berleandis, 2009.
- QUADROS, M. R.; NASI, L.; MOTTA, J. Jornalismo e narrativa: aspectos do estado da arte das pesquisas no Brasil. In: SOSTER, D. A.; PICCININ, F. Q. **Narrativas midiáticas contemporâneas: perspectivas epistemológicas**. Santa Cruz do Sul: Catarse, p. 36-46, 2017.
- QUÉRÉ, L. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Revista de Comunicação, Cultura e Educação, Lisboa, n. 6, p. 59-75, 2005.
- Restaurante no Jardim Botânico expulsa mãe e bebe de três meses durante temporal**. UOL, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/lruzP. Acesso em 7 jul. 2022.
- RJ: filha de morta em temporal diz que tragédia “poderia ter sido evitada”**. UOL, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/ivGM4. Acesso em 7 jul. 2022.
- SARTI, C. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo**. [s.l.] Universidade de São Paulo, 1994.
- SIENA, M.; VALENCIO, N.. Gênero e desastres: uma perspectiva brasileira sobre o tema. In: Congreso Internacional de la Asociación Latinoamericana de Sociología, 27, 2009, **Anais...**Buenos Aires, Universidad de Buenos Aires, 2009.
- TEMER, A. C.; SANTOS, M.. Subjetividades femininas na cobertura jornalística. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 25, 2019, Goiás. **Anais...** Goiás: UFG; Compós, 2016.
- UNISDR. Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030: Luz e ciência para reduzir o risco de desastres e preservar a vida. **Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015- 2030**, v. 2030, p. 1–25, 2015.
- VALENCIO, N.; VALENCIO, A. **Cobertura jornalística sobre desastres no Brasil: dimensões sociopolíticas marginalizadas no debate público**. Anuario electrónico de estudios em Comunicación Social “Disertaciones”, Bogotá, n. 2, v. 10, jul.-dez. 2017.
- Vaquinha para homem que ajudou idosa após chuvas no RJ mais que dobra meta**. UOL, 2019. Disponível em: encurtador.com.br/pxDER. Acesso em 7 jul. 2022.
- VAZ, P.; CARDOSO, J. e FELIX, C. Risco, sofrimento e vítima virtual: a política do medo nas narrativas jornalísticas contemporâneas. **Revista Contracampo**. Ed. 25. 2012.